


ESCRITA COMO CONTRAPONTO AOS SILENCIAMENTOS: NOTAS SOBRE *AS NETAS DA EMA*

Writing as a counterpoint to silences: notes about *As netas da Ema*

Janáina Buchweitz e Silva

<http://orcid.org/0000-0002-9911-2840> 

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-graduação
em Letras. Pelotas, RS, Brasil. 96025-000 – ppgl@ufpel.edu.br

Resumo: O presente artigo analisa as representações do feminino através das personagens presentes no romance *As netas da Ema*, publicado por Eugenia Zerbini em 2003, bem como o combate a diferentes formas de silenciamentos. A produção literária em análise contribui com a democratização da literatura ao abordar as experiências das mulheres ao longo das gerações, com ênfase em questões pertinentes para a categoria das mulheres, tais como a violência e o corpo, problematizando temas como a gestação, a maternidade, a menopausa, o estupro e o envelhecimento, e inserindo as mulheres no discurso histórico ao tematizar o período da ditadura militar brasileira e as sequelas que as agruras daquele período deixaram. Assim, podemos compreender *As netas da Ema* como uma tentativa de combate a diferentes silenciamentos: o silenciamento que permeia o período da ditadura, e também o silenciamento das mulheres, que por décadas não foram ouvidas, tanto no campo social quanto no campo literário.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; *As netas da Ema*; Personagens femininas; Ditadura; Silenciamentos.

Abstract: This article analyzes the representations of the feminine through the characters present in the novel *As netas da Ema*, published by Eugenia Zerbini in 2003, as well as the fight against different forms of silencing. The literary production under analysis contributes to democratization of literature by approaching the experiences of women over the generations, with an emphasis on issues relevant to the category of women, such as violence and the body, problematizing themes such as pregnancy, motherhood, menopause, rape and aging, and inserting women into the historical discourse by thematizing the period of the Brazilian military dictatorship and the consequences that the hardships of that period left. Thus, we can understand *As netas da Ema* as an attempt to combat different silencing: the silencing that permeates the period of the dictatorship, and also the silencing of women, who for decades were not heard, both in the social field and in the literary field.

Keywords: Contemporary Brazilian Literature; *As netas da Ema*; Female characters; Dictatorship; Silencing.

Introdução

Apesar dos inúmeros avanços alcançados, as mulheres seguem buscando autonomia, igualdade de direitos e manutenção das suas conquistas. No campo literário, questões como autoria e representação ganham destaque quando pensamos em uma

literatura dita democrática, que incluía diferentes grupos e vozes, outrora silenciados ou marginalizados. Nesse sentido, a análise das personagens femininas presentes no romance *As netas da Ema*, publicado por Eugenia Zerbini em 2003, constata diversas mudanças sociais vivenciadas pelas mulheres, já que os diálogos desenvolvidos entre a protagonista e suas amigas se dão na base da rememoração e conseqüentemente da comparação entre as diferentes gerações, e são acompanhados de avaliações sobre retrocessos, estagnações e avanços, no que tange principalmente à condição da mulher na sociedade atual. Com isso, o enredo elaborado por Zerbini oportuniza a reflexão sobre a participação das mulheres na sociedade, apontando ainda para a autonomia da escritora mulher, que se constrói enquanto sujeito discursivo e histórico, na medida em que problematiza suas próprias experiências.

Considerando que a categoria das mulheres busca combater os silenciamentos que lhe foram impostos ao longo das gerações, tanto no campo social quanto no literário, este estudo busca ainda ressaltar a importância da temática do corpo, na medida em que as diferentes violências a que as mulheres foram e ainda são submetidas, e que ocorrem tanto nas esferas simbólicas quanto físicas, em grande medida se desenvolvem ou possuem relação com o tema do controle de seus corpos. Por fim e não menos importante, o romance *As netas da Ema* tematiza um dos períodos mais violentos da história recente do Brasil, que foi a ditadura militar, demonstrando que o trauma gerado pelo regime seguiu inquietando escritores e escritoras, que inclusive nos últimos anos intensificaram a produção literária que versa sobre as memórias do período de repressão. Desta forma, podemos compreender o romance *As netas da Ema* como tentativa de combate aos diferentes tipos de silenciamentos.

Personagens femininas na literatura e a questão da representatividade da mulher

Uma pesquisa quantitativa desenvolvida pela Universidade de Brasília, que analisou as personagens literárias de romances brasileiros publicados em um intervalo de cerca de quinze anos, abrangendo aproximadamente a última década do século XX e os primeiros anos do século XXI, constatou a ínfima participação de escritoras mulheres no mercado editorial e a baixa representação das mulheres nos textos literários, com uma quantidade de personagens femininas consideravelmente inferior à de personagens masculinas, tanto no campo dos protagonistas quanto das personagens secundárias, bem como dos narradores, em centenas de romances analisados. Nas palavras de Dalcastagnè (2017), uma das organizadoras da pesquisa,

Nosso campo literário é um espaço excludente, constatação que não deve causar espanto, já que ele se insere num universo social que é também extremamente excludente. Falta ao romance brasileiro contemporâneo, como os números da pesquisa indicam de maneira eloquente, incorporar as vivências, os dramas, as opressões, mas também as fantasias, as esperanças e as utopias dos grupos sociais marginalizados, sejam eles definidos por classe, por sexo, por raça e cor, por orientação sexual ou por



qualquer outro critério. (DALCASTAGNÉ, 2017, p. 193).

Com relação à representação da mulher na literatura, Virginia Woolf (2014) salienta que como inicialmente as mulheres não escreviam, acabaram sendo retratadas majoritariamente por escritores homens, o que gerou um imaginário de grandiosidade sobre elas que não condizia com a realidade, ocasionando em casos de opulência na literatura que não correspondiam à situação das mulheres na sociedade e ao tipo de tratamento que recebiam:

Assim, surge um ser muito complexo e esquisito. É de se imaginar que ela seja da maior importância; na prática, ela é completamente insignificante. Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido. (WOOLF, 2014, p. 66-67).

Ao analisar as personagens femininas do cânone ocidental, Eurídice Figueiredo (2020) ressalta que estas sempre foram representadas como mulheres rebeldes e apaixonadas, e que sua ousadia ao enfrentar a sociedade patriarcal sempre era castigada ao final dos romances, através da morte ou do isolamento, como forma de punição à audácia da insubordinação. Assim, por muito tempo as mulheres foram retratadas por autores homens como loucas, problemáticas ou prostitutas. Para a pesquisadora, torna-se imprescindível que as personagens femininas sejam os sujeitos de seus próprios discursos:

O que deve mudar na construção das personagens femininas criadas por escritoras? É preciso elucidar quais são as estratégias narrativas que entram em circulação para não repetir o modelo do romance burguês do século XIX. Se a mulher casada adúltera (portanto, rebelde) é a protagonista de grande parte dos romances escritos por homens, qual seria o problema que pode ser detectado nesse enfoque? Em *Madame Bovary*, Emma é oprimida pelo seu lugar na sociedade e, ao mesmo tempo, movida pelo desejo de se rebelar, porém está condenada à desilusão e à morte. Na sua análise do romance, Maria Rita Kehl salienta que, apesar de ser uma mulher fállica, poderosa porque amante ativa, Emma continua sendo falada pelo discurso do Outro, sem chegar à posição de sujeito. Por essa razão, fracassa sempre, o que a leva ao suicídio. Assim, interessa-nos ver, dentro da perspectiva de uma crítica feminista, quais estratégias narrativas as escritoras do século XX e XXI usam a fim de fazer que suas personagens femininas sejam sujeitos de seu próprio discurso. Em outras palavras, como se processa a autonomização das mulheres enquanto cidadãs, no palco social, e como isso se reflete (ou não) no âmbito doméstico, em suas relações afetivas e sexuais. (FIGUEIREDO, 2020, p. 92).

No romance *As netas da Ema*, publicado em 2003 por Eugenia Zerbiní, a protagonista rememora diversas passagens de sua vida, na maioria das vezes através de diálogos que desenvolve com as demais personagens, todas mulheres, demonstrando a rotina daquelas que seriam as netas de Ema, nos apresentando diversas alusões ao personagem literário



eternizado por Gustave Flaubert no romance *Madame Bovary*. Publicado em 1857, o livro abalou a moral pública ao descrever a história de uma personagem mulher – Emma Bovary – que transgredia os limites que a sociedade lhe impunha à época, tendo o autor inclusive respondido a um processo, que ocasionou na suspensão da circulação de sua obra durante alguns anos. Nas palavras de Geoffrey Wall, estudioso do texto flaubertiano,

Emma Bovary é a primeira de uma série de jovens esposas perturbadas e insubordinadas; o modelo das heroínas burguesas adúlteras que dominaram setenta anos de ficção europeia. Emma Bovary é a precursora de Thérèse Raquin, Anna Karenina, Hedda Gabler, Sue Bridehead, Ursula Brangwen e Molly Bloom. Não há de ser por coincidência que, quando publicadas, quase todas as obras em que figuravam tais heroínas tenham sido perseguidas por imoralidade.

Mas em meio a essa escandalosa companhia o castigo de Emma Bovary é o mais terrível, o mais prolongado. Ela se envenena com as próprias mãos; morre sentindo uma dor que corresponde exatamente à intensidade da nossa identificação. (WALL *apud* FLAUBERT, 2013, p. 52).

Em *Madame Bovary* os papéis que as mulheres desempenham na sociedade são tematizados principalmente a partir das experiências da protagonista Emma Bovary com as demais personagens. Conforme informa o narrador, Emma via na geração de um filho homem a maneira de conquistar tudo aquilo que sua condição de mulher não lhe permitiu viver:

Ela desejava um filho. Ele seria forte e moreno, ela o chamaria de Georges; e essa ideia de ter como filho um macho era como a revanche esperada de todas as suas impotências passadas. Um homem, pelo menos, é livre; pode percorrer as paixões e os lugares, atravessar os obstáculos, consumir as felicidades mais distantes. Mas uma mulher é impedida continuamente. Inerte e flexível a uma só vez, tem contra si as molezas da carne com as dependências da lei. Sua vontade, como o véu de seu chapéu preso por um cordão, palpita a todos os ventos; há sempre algum desejo que carrega, alguma conveniência que detém.

Ela deu à luz num domingo, por volta das seis horas, ao nascer do sol.
– É uma menina! – disse Charles.

Ela virou a cabeça e desfaleceu. (FLAUBERT, 2013, p. 178).

O livro de Flaubert ultrapassou os limites da obra literária, tendo a protagonista Emma Bovary inclusive um termo próprio que alude à sua condição, o bovarismo, proporcionando debates que se expandem a campos que ultrapassam o literário, tais como ocorre na filosofia e também na psicanálise, que instigaram reflexões a partir da condição da personagem flaubertiana.

Em *As netas da Ema*, após ser agredida em um assalto a protagonista passa a refletir sobre a própria vida, rememorando o passado através dos diálogos que mantém com as demais personagens da trama, suas amigas e confidentes, e cogitando a hipótese de escrever um livro para que possa registrar sua história: A-amiga-comum-que-também-era-dentista, A-divertida-de-cabelos-vermelhos, A-loira-muito-linda-de-olhos-gateados e Aquela-que-seguiu-o-exemplo-das-amazonas são as amigas com as quais a protagonista

não nomeada trava a maioria dos diálogos. Em uma primeira alusão ao romance de Flaubert, a narradora reflete sobre a condição da personagem Emma Bovary:

Sempre tive muita pena da madame Bovary. Será que ela não via que seu marido, Charles, era-lhe inteiramente devotado? Ela podia administrar o dinheiro e a casa, decidir se bordava, tocava piano ou lia poesia. Para agradá-la, haviam mudado de Yonville para Toste, onde nascera a filha, Berthe, nome escolhido por ela. Mesmo antes dos gastos extravagantes com seus figurinos, Madame Bovary deveria ter tido uma bela estampa, caso contrário não seduziria Leon, mais jovem que ela. Charles permitia até que se divertisse, não se opondo a que dançasse com outro no baile, que andasse a cavalo com Rodolfo, seu primeiro amante, e que fosse regularmente a Rouen. Por que penar e se imolar, afinal, se tinha tudo para ser feliz? (ZERBINI, 2006, p. 42).

Ao refletirem sobre as diferenças entre as gerações e o papel que a categoria mulher ocupou em cada uma delas, as personagens se autointitulam as netas de Ema Bovary, já que as mulheres da contemporaneidade, mesmo conquistando importantes avanços sociais e comportamentais, seguem carregando os estigmas, os preconceitos, e muitas das dificuldades das gerações de mulheres que as antecederam:

– Você deveria falar com Aquela-que-seguiu-o-exemplo-das-amazonas e escrever um livro para mães... como diria eu para fugir do preconceito... mães que não se casaram e criam os filhos sozinhas. Você teria que descobrir um título sintético para isso. Vocês lembram aquela frase célebre que inicia *Anna Karenina* “Todas as famílias felizes são iguais; as infelizes, cada uma a seu jeito”? Pois bem: era assim. Prestem bem atenção no tempo do verbo: era. Passado, passadíssimo. Porque novos padrões de família estão surgindo. Como celebrar o dia dos pais para aquelas que decidiram criar os filhos sem o pai do lado? E os frutos da inseminação artificial? (ZERBINI, 2006, p. 89).

Novos padrões de comportamento e tipos de relacionamento também são abordados. As personagens, que no momento dos diálogos encontram-se na faixa etária de aproximadamente cinquenta anos, questionam o comportamento que possuíam quando eram mais jovens e as novas situações que foram surgindo, na medida em que adquiriam experiência e percebiam mudanças comportamentais:

É que nós estamos ficando velhas – disse A-loira-muito-linda-de-olhos-gateados. – As mães solteiras ou que se divorciaram mais jovens têm seus namorados. Daí, fica aquela história tortuosa de “a casa da prima do namorado da mamãe” e “a mulher do tio do namorado da mamãe”; um belo dia, mamãe termina com o namorado (ou o namorado termina com a mamãe) e tudo se evapora. Como os vampiros na luz do primeiro raio da madrugada.

– Não é porque somos mais velhas que deixamos nossa libido de lado – suspirou A-divertida-de-cabelos-vermelhos. (ZERBINI, 2006, p. 95).

As reflexões e as discussões das personagens sobre as mudanças que as mulheres foram vivenciando ao longo das gerações oportunizam um retrato comportamental da

mulher na sociedade brasileira dos últimos cinquenta anos, período cronológico abordado ao longo da narrativa:

– Nós tivemos e temos tantas escolhas, que ficamos até decidindo se somos felizes ou não. Olha o meu caso: optei por ter uma filha e tive. Você imagina como seria essa história há 50 anos? Nas consideradas boas famílias, quem engravidava sem casar tinha dois destinos naquela época: se fosse pobre, ia para o interior, tinha a criança lá e voltava com uma irmã menor, que era registrada como filha pelos avós; se fosse rica, ia para a Europa e voltava do mesmo jeito que a mais pobre, com uma irmãzinha. Sem pensar nos casos piores, em que a família se desfazia da criança logo depois do parto, e aquelas mães, então, quase enlouqueciam. (ZERBINI, 2006, p. 155).

A narradora reafirma a autonomia da mulher que se constrói enquanto sujeito discursivo e histórico, problematizando o papel político que as mulheres da sua geração desenvolveram, já que foram responsáveis por conquistas e avanços sociais e comportamentais em uma época fortemente marcada pela presença do machismo e do patriarcado:

Fomos jovens no século XX, em uma época na qual a juventude, parece que pela última vez, juntou-se em torno da ideia da construção de algo novo. Como mulheres, contestamos os valores de uma sociedade machista, tivemos acesso à educação sexual, aos anticoncepcionais, ao estudo e ao trabalho. E quebramos tabus. É claro que tivemos nossas precursoras, que, como nas grandes navegações, descobriram as terras novas, fizeram as expedições iniciais e os primeiros levantamentos cartográficos. Foi nossa geração, porém, que veio colonizar esse novo mundo. (ZERBINI, 2006, p. 40).

Assim, ao tematizar uma série de pautas do universo feminino a partir da voz das personagens de *As netas da Ema*, Zerbini incorpora as experiências das mulheres problematizando os avanços conquistados e os obstáculos a serem superados, com ênfase na questão da importância da hereditariedade para a categoria mulher, que herda da geração que a antecedeu as conquistas e responsabilidades vivenciadas, legando às gerações seguintes as vitórias e os desafios a serem enfrentados.

As experiências do corpo

Para Virginia Woolf (2019), a escritora mulher se sentia bloqueada ao abordar determinados assuntos, dentre eles as experiências do corpo. Dessa forma, a autora confessa que a experiência da escrita a ajudou a matar o seu anjo do lar¹, mas a dificuldade em tratar sobre seu corpo permaneceu:

Então, essas foram duas experiências muito genuínas que tive. Foram duas das aventuras de minha vida profissional. A primeira – matar o Anjo do Lar

¹ Alusão de Virginia Woolf ao poema de Coventry Patmore intitulado *O anjo do lar*, em que o poeta celebra o amor conjugal e idealiza o papel doméstico das mulheres. No célebre texto *Profissões para mulheres*, a autora se apropria da expressão para debater a condição social das mulheres de sua geração.

– creio que resolvi. Ele morreu. Mas a segunda, falar a verdade sobre minhas experiências do corpo, creio que não resolvi. Duvido que alguma mulher já tenha resolvido. Os obstáculos ainda são imensamente grandes – e muito difíceis de definir. De fora, existe coisa mais simples do que escrever livros? De fora, quais os obstáculos para uma mulher, e não para um homem? Por dentro, penso eu, a questão é muito diferente; ela ainda tem muitos fantasmas a combater, muitos preconceitos a vencer. Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas para as mulheres, quem dirá nas novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez? (WOOLF, 2019, p. 17).

Nas produções literárias contemporâneas de autoria feminina, Figueiredo (2020) percebe um avanço no que tange a abordagem do corpo, pois “Enquanto os homens veem o corpo feminino de maneira euforizante – beleza, sensualidade, encanto –, as mulheres buscam expressar as vicissitudes do corpo que só elas conhecem.” (FIGUEIREDO, 2020, p. 96), destacando que:

Comparando Virginia Woolf com as jovens escritoras de hoje, pode-se afirmar que houve um avanço: a autora de Orlando afirmava que tinha dificuldade em tratar do corpo, enquanto atualmente as escritoras estão abordando temas tabus como o incesto, o estupro, o erotismo, a lesbianidade, o aborto, a anorexia, a bulimia, a automutilação, a amamentação, a menstruação, a TPM, ou seja, assuntos cujo foco é o corpo. (FIGUEIREDO, 2020, p. 93).

Figueiredo (2019) aponta que as escritoras brasileiras contemporâneas estão ousando uma abordagem voltada ao debate de temas considerados tabus pela sociedade, tais como a questão do aborto, do incesto e do estupro, dando um especial destaque assim ao tema do corpo da mulher. Para a autora, as escritoras contemporâneas fabulam e se reinventam, através de uma escrita transgressora que ousa tratar do corpo, estando assim inseridas em um momento de superação, quando comparadas à época em que escreveu Woolf, salientando ainda que:

A mudança de paradigma na nova literatura de autoria feminina no Brasil pode ser notada na predominância de escritoras jovens, nascidas a partir de 1960, a tematizarem o estupro e o estupro incestuoso. Ainda que lidando com o imaginário, as escritoras estão inseridas na sociedade de modo que os temas candentes do momento aparecem, transpostos e reelaborados numa linguagem estética. (FIGUEIREDO, 2019, p. 147).

Em *As netas da Ema*, conforme já mencionado, o tema do corpo é bastante relevante ao longo da narrativa, posto que os diálogos tematizam questões como gestação, maternidade, menopausa e envelhecimento do corpo, sendo inclusive algumas das personagens nomeadas por suas características físicas. Ao descrever uma das amigas, a protagonista salienta a preocupação das mulheres com a manutenção de sua aparência física: “E ser uma mulher bem cuidada aos cinquenta e tra-la-lá era o coroamento de

esforços diurnos e noturnos a partir dos trinta” (ZERBINI, 2006, p. 46); e não somente as mudanças sociais, mas também as físicas são frequentemente mencionadas nas discussões com as amigas: “Estou enjoada. Não sei também se não é a menopausa” (ZERBINI, 2006, p. 128).

O estupro, tema considerado tabu conforme menciona Figueiredo (2020), ganha destaque na narrativa através das memórias da personagem principal, quando a protagonista relembra o estupro que sofreu de um militar à época em que buscava informações sobre o paradeiro de seus pais, durante o regime ditatorial:

Eu achava que não podia mais respirar, tal a pressão do sangue dentro de mim. Ele levantou, deu meia-volta na mesa, chegou até a segunda cadeira. Puxou-a um pouco de lado, tirou minha bolsa e sentou. Com as duas mãos, agarrou minha cadeira pelas pernas e moveu-a, para que ficássemos face a face. Tomou meu rosto entre suas mãos:

– Quero ver essa boneca bem de perto.

Eu não sabia para o que olhava. Não via o rosto que me fitava. Era como se olhasse para dentro do nada. O abismo onde acabava o mundo, daqueles versos de minha infância. Só notei que meus joelhos estavam se tocando.

– Vou chegar mais perto para sentir o cheiro da sua pele. (ZERBINI, 2006, p. 68).

Com isso vemos no texto de Zerbinini também a tematização da violência sexual, infelizmente mais uma realidade vivenciada pelas mulheres na contemporaneidade, e o relato do estupro vivenciado pela protagonista demonstra o trauma que a violência gerou na personagem, posto que o episódio a acompanhou por toda sua vida, sendo mais uma demonstração de um período histórico em que o controle se dava através do controle dos corpos, o que ocorria ainda de maneira mais enfática com as mulheres.

A temática da ditadura e o combate aos diferentes silenciamentos

Outra questão a se ressaltar na narrativa de Zerbinini é a abordagem ao regime ditatorial brasileiro, período histórico que abarcou a juventude das personagens e que é enfatizado a partir das memórias da narradora, filha de pais presos políticos que posteriormente desapareceram. A protagonista de *As netas da Ema* recorda o dia da prisão de seus pais:

– Como posso contar que testemunhei a prisão de meus pais no dia 12 de fevereiro de 1970 e que depois eles desapareceram? Será que eu conseguiria descrever a *via crucis* de minha avó – cuja filha mais nova já havia saído do Brasil, em 1968, por ser líder estudantil secundarista –, procurando qualquer informação que fosse sobre o paradeiro de papai e mamãe? E minha saída do país com passaporte falso, arrumado pelo irmão de minha avó, porque eu era menor e meus pais desaparecidos não podiam assinar a autorização para eu viajar desacompanhada?... – E recaí no choro que elas achavam que havia terminado. (ZERBINI, 2006, p. 104).

As diversas alusões ao período da ditadura se dão a partir das lembranças dos que restaram para narrar, no caso a filha do casal desaparecido, que também sofreu as

consequências da ditadura, e a avó da personagem, a quem coube relatar à neta alguns detalhes da vida de militância de seu filho, o pai da protagonista:

– A situação está complicada. Telefonei para o chefe de Estado-Maior do II Exército, que por sinal se dá muito com nosso primo Juquinha – começou, olhando para vovó. – Ele me garantiu que de lá não saiu ordem nenhuma. Falei com o chefe do DOPS, um homem muito fino, que também me afirmou não saber de nada. O que eu sei é muito pouco, mas é o seguinte – fez uma pequena pausa enquanto mastigava um pedaço de cenoura do *couvert* – : desde o fim do ano passado, existe um órgão encarregado de fazer “uma limpa”, como eles dizem. É para acabar com guerrilheiros, prender assaltantes de banco e dar um fim nos comunistas.

– Meu filho não é guerrilheiro, não é assaltante nem comunista – disse vovó, com a voz indignada. – Ele é um advogado que cumpre com os deveres de sua profissão. (ZERBINI, 2006, p. 57-58).

As angústias da familiar de desaparecido político acompanharam a protagonista de *As netas da Ema* ao longo de toda sua vida. A temática dos desaparecidos políticos tem sido abordada em outras produções literárias nacionais que tematizam o período da ditadura, como no livro *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia* (2012), em que a autora Liniane Brum compartilha as angústias dos familiares de desaparecidos políticos relatando parte da história de sua família, ou no romance *O corpo interminável* (2019), em que a autora Cláudia Lage problematiza a questão a partir do protagonista Daniel, filho de uma desaparecida política da ditadura militar. No texto de Zerbin, a filha do casal desaparecido tenta completar, através da imaginação, parte da história de sua família, da qual jamais obteve concretas informações:

Papai, papai, como será que meu pai morreu? Sofrendo por me deixar, lastimando por arrastar mamãe junto com ele, ou simplesmente em paz, por ter ido até o ponto final daquele trajeto que ele achava o mais certo, a única via decente a ser percorrida? Por um sem-número de vezes, perguntei-me quem teria morrido primeiro. Papai ou mamãe? *Ladies first?* E todas as vezes que olhei para a célebre imagem de Guevara, com aquelas pupilas fixas em um horizonte imaginário, indaguei a mim mesma se meu pai, em algum balcão celeste, estaria olhando assim para mim. O que ele pensaria de sua filha, hoje com mais idade do que ele próprio quando desaparecera? (ZERBINI, 2006, p. 168-169).

A ausência dos pais opera como uma lacuna na vida da protagonista, que apesar de vivenciar o período da ditadura na infância, carregou as sequelas do período por toda sua vida. O tema da ditadura vem sendo abordado por diversos escritores e escritoras na contemporaneidade, e a pesquisadora Figueiredo (2017) defende que os livros que a tematizam são fruto do trabalho de elaboração do trauma da ditadura que permanece no tempo presente, destacando que “só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação” (FIGUEIREDO, 2017, p. 43). Assim, podemos compreender *As netas da emma* como uma tentativa de combate a diferentes silenciamentos: o silenciamento que permeia

o período da ditadura, e também o silenciamento das mulheres, que por décadas não foram ouvidas, tanto no campo social quanto no campo literário, e não foram representadas ou foram representadas de maneira equivocada.

Considerações finais

Mesmo defendendo que as dificuldades das gerações anteriores seguem acompanhando as mulheres na contemporaneidade, o romance de Zerbini opera como ato de resistência, enfrentamento e superação, ao problematizar uma série de questões do universo feminino de maneira aberta e contundente, e assim propondo a reflexão e a quebra de alguns estereótipos. Para Figueiredo (2020), na escrita feminina contemporânea, “A linguagem do corpo é liberada, tudo pode ser dito. Talvez esta seja a verdadeira conquista feminista.” (FIGUEIREDO, 2020, p. 326). O texto produzido por Zerbini corrobora com o apontado pela pesquisadora, pois além da temática do desejo em uma idade “mais avançada”, também os temas da maternidade e do corpo são bastante relevantes ao longo do romance, tomando parte considerável dos diálogos entre as amigas, que seguem a tecer reflexões sobre as diferenças comportamentais que se apresentavam à época de sua juventude e no período presente da narrativa.

Nesse sentido, o romance *As netas da emma* contribui para a democratização da representação e da representatividade das mulheres nos textos literários recentemente produzidos no Brasil. Além disso, ao tematizar o período da ditadura através da personagem órfã que foi estuprada por um militar, a autora problematiza os desdobramentos que esse violento período histórico ocasionou na vida também das mulheres, contribuindo assim para a inserção da categoria mulher na construção do discurso literário e histórico que versa sobre a ditadura brasileira, o que é de extrema importância se considerarmos que boa parte dos textos literários que tematizam a ditadura foram escritos por autores homens que narram as experiências de militantes homens, o que acaba por apagar a participação das mulheres, que na prática vivenciaram as agruras da ditadura militar brasileira tanto quanto os homens.

Nas palavras de Adichie (2015), os estereótipos de masculinidade e feminilidade acabam por escravizar a sociedade como um todo, e muitos homens e mulheres se sentem desconfortáveis em abordar a temática do gênero, já que a ideia de mudar o *status quo* é sempre penosa. Para Dalcastagnè (2017), um dos principais problemas de nossa literatura seria a falta de autocrítica, no que tange ao fato de o romance brasileiro aceitar com tranquilidade a ausência da pluralidade de vozes em seu interior.

Ao publicar *As netas da Emma*, Eugenia Zerbini constrói uma narrativa em que as mulheres estão em destaque do início ao fim, acompanhadas das angústias e anseios que carregam há muitas gerações. Com isso, retoma a personagem Emma Bovary como a nos lembrar que, de certa forma, ainda carregamos as experiências das mulheres da sua geração, sendo todas nós na contemporaneidade as netas e as filhas da Emma, da Woolf, e de todas aquelas que nos antecederam e nos legaram a responsabilidade de seguirmos

a caminhada pela conquista e manutenção de nossos direitos, e também para que as mulheres de nossa geração, ao descobrirem que estão a gerar outra mulher, diferentemente do desfaecimento que sentiu Emma Bovary, se nutram de vida e esperança.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Trad. de Christina Baum. 1. ed. 20ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. 1. ed. 4ª reimp. Vinhedo: Editora Horizonte, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. 1. ed. 1ª reimp. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. Violência e sexualidade em romances de autoria feminina. *Revista Interdisciplinar*, São Cristovão, UFF, v. 32, p. 137-149, jul.-dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/12872> Acesso em: 09 nov. 2020.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary: costumes de província*. Trad. de Mario Laranjeira. 1ª reimp. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. de Bia Nunes de Sousa. 1. ed. 6ª reimp. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZERBINI, Eugenia. *As netas da Ema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

NOTAS DE AUTORIA

Janaína Buchweitz e Silva (janaesilva@yahoo.com.br) é graduada em Letras-Habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola (UFPeL, 2002). Especialista em Língua Espanhola (UCPeL, 2004), Especialista em Educação (UFPeL, 2009), e Especialista em Educação para a Diversidade (UFRGS, 2014). Mestra em Letras (UFPeL, 2017). Graduada em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa (ULBRA, 2019). Doutoranda em Letras (UFPeL), linha de pesquisa Literatura, cultura e tradução, com pesquisas na área de autoria feminina e ditadura militar brasileira.

Agradecimentos

Não se aplica.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

BUCHWEITZ E SILVA, Janaína. Escrita como contraponto aos silenciamentos: notas sobre *As netas da Ema*. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 27, p. 01-12, 2022.

Contribuição de autoria

Não se aplica.



Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Anuário de Literatura os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY\) 4.0 International](#). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Literatura. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 31/05/2022

Aprovado em: 27/08/2022

Publicado em: 11/11/2022

